

*Exu Zé Pilintra*

Amores, Desafios e Mandingas

---

## *Exu Zé Pilintra*

---

### *Sinopse*

---

Em *Exu Zé Pilintra – Amores, Desafios e Mandingas*, o espírito malandro e enigmático de Zé Pilintra chega à vibrante cidade de Ilhéus, um lugar de contrastes, onde a beleza do litoral e a força espiritual dos terreiros se entrelaçam com interesses e poderes ocultos. Zé se envolve em uma trama complexa ao se aproximar de Mariana, dona de um bar local e mulher de coragem indomável. A conexão intensa entre eles logo revela desafios que vão além do romance, mergulhando em um confronto com um empresário ambicioso, cuja ganância ameaça a paz da comunidade e a própria existência do terreiro.

Entre rituais de proteção, consultas aos búzios e a presença de guias poderosos, Zé Pilintra se vê numa jornada de escolhas e provações. Ele precisa equilibrar sua malandragem, sua fé e o desejo de justiça, enfrentando forças que tentam manipular o destino da cidade. Na luta para proteger Mariana, os amigos e o terreiro, Zé descobre o verdadeiro poder da união, do perdão e da resistência espiritual, mostrando que o amor e a fé são armas tão poderosas quanto qualquer mandinga.

Essa obra traz à tona a essência da Umbanda e a força dos terreiros como um espaço de cura, acolhimento e resistência, revelando uma história de amor, desafios e espiritualidade que pulsa com a energia da Bahia.

*Exu Zé Pilintra*

## *Exu Zé Pilintra*

### **Capítulo 1: Chegada em Ilhéus**

Zé Pilintra, o icônico malandro e guardião das encruzilhadas, chega à cidade de Ilhéus com uma missão que ele ainda não entende completamente. À primeira vista, a cidade o fascina com suas paisagens exuberantes, praias de areias brancas e o pulsar da vida local que mistura tradição e modernidade. Ele observa o movimento das pessoas, o burburinho dos comerciantes e os turistas encantados com o clima acolhedor da cidade baiana. Mas Zé sabe que Ilhéus é mais do que suas belezas aparentes; ele sente que a cidade tem segredos esperando para serem desvendados.

Ainda se orientando, Zé Pilintra decide fazer uma parada estratégica em um pequeno bar no centro histórico, onde o ambiente é marcado pelo som do samba e pelo perfume forte de dendê. Lá, ele conhece alguns frequentadores que, com a desconfiança típica dos locais, não sabem bem o que pensar do misterioso homem que chegou de mansinho e já mostra carisma e sagacidade. Ele pede uma bebida e, enquanto saboreia, observa as pessoas ao redor, captando o ritmo e a energia do lugar.

Nessa mesma noite, Zé sente uma força magnética o chamar para além do bar. Guiado por uma intuição aguçada, ele segue pelas ruas sinuosas até encontrar uma casa humilde, mas carregada de poder espiritual: um terreiro de Umbanda, protegido por altares decorados com velas e oferendas. Ali, ele cruza pela primeira vez com Dona Luzia, a yalorixá e líder espiritual da comunidade. Ela o recebe com um olhar profundo e sereno, já sentindo o peso de sua presença e a missão que o trouxe ali.

Dona Luzia, uma senhora de pele marcada pela experiência e olhos que parecem enxergar além, cumprimenta Zé com palavras cuidadosas, mas ele percebe que ela enxerga o propósito por trás

## *Exu Zé Pilintra*

de sua chegada. "Zé Pilintra, sua fama o precede, mas Ilhéus não é só beleza e simpatia, tem uma energia que pode tanto acolher quanto repelir. É preciso saber andar com sabedoria", ela o alerta. Curioso, ele a escuta com respeito, e ambos trocam algumas palavras sobre as práticas espirituais e os desafios que a cidade enfrenta.

Ao final da noite, Zé deixa o terreiro com uma sensação de intriga e responsabilidade. As palavras de Dona Luzia ecoam em sua mente, e ele percebe que Ilhéus guarda mais do que segredos: guarda mistérios espirituais que exigem cautela e compromisso.

Ele sai do terreiro determinado, sabendo que sua estadia na cidade será muito mais do que apenas uma aventura. Na encruzilhada entre o desejo de liberdade e o peso da responsabilidade, Zé Pilintra começa sua jornada em Ilhéus, certo de que encontrará tanto aliados quanto inimigos.

## *Exu Zé Pilintra*

### **Capítulo 2: Primeiro Terreiro**

A noite em Ilhéus envolvia Zé Pilintra como um manto de mistério e promessa. O céu, pontilhado por estrelas, parecia refletir um destino inescapável. Movido por uma força invisível, ele sentiu o chamado para retornar ao terreiro de Dona Luzia, agora consciente de que esse espaço espiritual seria mais do que um refúgio – seria o palco de encontros e revelações.

Zé seguiu pelas ruas estreitas e sinuosas do centro da cidade, onde a arquitetura colonial misturava-se com os bares e lojas que atendiam a turistas e moradores. As luzes das casas pareciam pequenos faróis na noite. Ele caminhava sem pressa, aproveitando cada detalhe da cidade e absorvendo sua energia. De vez em quando, parava para observar a movimentação ao redor e os olhares curiosos dos que cruzavam seu caminho. O mistério em seu semblante e a roupa elegante faziam com que todos o notassem. Mesmo sem querer, ele deixava uma impressão duradoura.

Ao se aproximar do terreiro, uma música suave e hipnotizante chegou até ele, puxando-o para dentro. Uma corrente de cânticos o envolvia, enchendo o ar com uma mistura de tambor e voz que parecia vir das profundezas da alma. Zé Pilintra foi tomado por uma sensação de familiaridade, como se estivesse prestes a entrar em casa após uma longa jornada. Quando cruzou o portão do terreiro, sentiu-se acolhido pela energia calorosa do lugar, um espaço onde a vida e a espiritualidade se fundiam.

O terreiro estava iluminado com velas brancas e vermelhas que emanavam uma luz acolhedora, refletindo o respeito e a devoção dos filhos de santo presentes. Os altares eram decorados com imagens de Exus e Pombagiras, além de oferendas de flores,

## *Exu Zé Pilintra*

cachaça e charutos. O cheiro das ervas queimadas misturava-se ao perfume de alfazema, criando uma atmosfera carregada de reverência. Os atabaques, tocados com ritmo constante, reforçavam o sentimento de presença e conexão espiritual.

Ao adentrar o espaço sagrado, Zé foi recebido com olhares atentos. A figura de Dona Luzia se destacava entre os presentes. Com sua expressão serena e olhos que pareciam conhecer o destino de cada pessoa que entrava naquele terreiro, ela lhe dirigiu um aceno quase imperceptível, chamando-o para perto. Sem hesitar, Zé se aproximou, sabendo que o momento de revelações e ensinamentos havia chegado.

Dona Luzia o conduziu até uma cadeira perto do altar e, com um gesto delicado, o convidou a sentar-se. "Bem-vindo de volta, Zé Pilintra", disse ela, em tom respeitoso, mas também com uma autoridade que deixava claro quem era a guardiã daquele espaço.

"Este terreiro é sua casa, mas saiba que aqui respeitamos as forças da luz e da sombra. Cada um que entra aqui deve estar disposto a se confrontar e entender que as encruzilhadas não são apenas físicas; são escolhas que fazemos a cada passo."

Zé assentiu, percebendo que a mulher sabia mais sobre ele do que qualquer um naquela cidade. Ele sentia a profundidade daquelas palavras e as aceitava com a humildade que sua sabedoria lhe permitia. Naquele momento, os atabaques soaram ainda mais altos, e Dona Luzia começou a conduzir uma reza para abrir os trabalhos da noite. Os filhos de santo dançavam, incorporando o ritmo, enquanto seus corpos pareciam ser tocados por algo mais profundo.

## *Exu Zé Pilintra*

Quando a música desacelerou, Dona Luzia pediu silêncio e retirou um jogo de búzios de dentro de uma sacola de couro. A tensão no ar era palpável. Com movimentos calculados, ela lançou os búzios sobre um tecido no chão. Seu olhar passou por cada búzio, como se lesse uma mensagem escrita nas pedras sagradas. Quando ergueu os olhos para Zé Pilintra, havia uma mistura de seriedade e compaixão em seu semblante.

"Zé, o destino te trouxe até Ilhéus para algo maior do que imagina. Aqui, nesta terra abençoada, você encontrará amor, mas também terá que enfrentar inimigos poderosos. Os búzios falam de desafios intensos, testes de fé que te colocarão à prova. Nem todos que sorriram pra você estarão do seu lado."

Zé Pilintra permaneceu em silêncio, sentindo o peso das palavras de Dona Luzia. Ele estava acostumado a desafios, mas sabia que as forças que regiam o mundo espiritual podiam ser imprevisíveis e que, muitas vezes, era preciso mais que coragem para superá-las. Sua expressão malandra, por um momento, se suavizou, revelando uma vulnerabilidade rara.

A cerimônia prosseguiu. Filhos e filhas de santo dançavam, incorporando os espíritos que chegavam para abençoar o terreiro. Entre eles, uma Pombagira dançava em círculos, envolta em sua saia vermelha e com um olhar penetrante que parecia captar cada emoção oculta na sala. Ela se aproximou de Zé Pilintra e, com um sorriso provocador, sussurrou: "Não se engane, Zé, Ilhéus pode parecer um paraíso, mas as encruzilhadas desta cidade são profundas. Cuidado com quem confia."

Após o ritual, Dona Luzia ofereceu a Zé Pilintra uma bebida sagrada feita de ervas. Ele aceitou, sentindo a mistura quente descer por sua garganta, como se seu espírito estivesse sendo

## *Exu Zé Pilintra*

purificado e fortalecido. Ele então se levantou, agradecendo com um aceno respeitoso, e prometeu a Dona Luzia que honraria o caminho que se abria para ele naquela cidade.

Antes de sair, porém, Dona Luzia lhe entregou um pequeno amuleto feito de pedra preta e tecido vermelho. "Este te protegerá das más energias, Zé Pilintra. Ilhéus te receberá como uma mãe acolhedora, mas também te testará como um filho rebelde. Este amuleto carrega a força dos Exus deste terreiro."

Zé aceitou o amuleto e o colocou ao redor do pescoço, sentindo o peso simbólico e real da proteção que lhe fora concedida. Ao sair do terreiro, ele se sentiu renovado e consciente de que o caminho que trilharia em Ilhéus seria cheio de escolhas e encruzilhadas. A noite estava só começando, e com ela, a promessa de uma jornada que colocaria à prova sua coragem, sua fé e seu amor pela liberdade.

Caminhando de volta pelas ruas, com o som distante dos atabaques ecoando na mente e a presença das entidades sentidas no coração, Zé Pilintra olhava a cidade com outros olhos. Ilhéus o havia recebido, mas agora ele sabia que seria testado.

## *Exu Zé Pilintra*

### **Capítulo 3: O Encontro com Mariana**

No amanhecer seguinte à sua primeira noite no terreiro, Zé Pilintra despertou com a leveza de quem recebeu bênçãos e advertências. Sentiu-se renovado, mas sua mente ainda ecoava as palavras de Dona Luzia e a presença intensa da Pombagira que lhe havia alertado sobre as encruzilhadas de Ilhéus. Ele sabia que não seria prudente ignorar tais avisos.

Decidido a explorar a cidade de maneira mais cuidadosa, Zé Pilintra caminhou pelas ruas e vielas, notando os contrastes de Ilhéus. De um lado, o azul profundo do mar, que exalava paz e liberdade. De outro, a agitação dos mercados, onde a cultura local e os traços espirituais se misturavam ao cotidiano. A cidade pulsava como um coração aberto, e ele percebia cada batida, cada detalhe – os aromas dos temperos, o sorriso das pessoas, o olhar atento dos mais velhos. Ilhéus se revelava aos poucos, e Zé sabia que, com o tempo, aprenderia os segredos e as alianças ocultas em cada esquina.

Durante o passeio, avistou um bar que chamava atenção pelo estilo rústico, com paredes coloridas e uma fachada repleta de plantas que desciam em cascata. O local exalava charme e tinha uma clientela variada, misturando moradores locais e turistas. A música baixa, misturando bossa nova e samba, criava um ambiente acolhedor, ideal para um malandro como ele. Com um sorriso satisfeito, ele se aproximou da porta e entrou.

Atrás do balcão estava Mariana, uma mulher de presença marcante e beleza autêntica. Seus olhos eram profundos, e sua expressão transmitia tanto calor quanto firmeza. Era claro que ela era a dona do espaço e também a alma do lugar. Ao perceber a chegada de Zé, ela o observou com uma curiosidade contida. Havia algo nele

## *Exu Zé Pilintra*

que não podia ser ignorado – talvez a aura de mistério, talvez o sorriso malandro. Mariana, no entanto, mantinha-se reservada.

"Bom dia, moça bonita," saudou ele, com um toque de charme que fazia parte de sua natureza. "Gostei do seu bar. Parece que Ilhéus tem mais tesouros escondidos do que eu imaginava."

Ela sorriu de leve, mas seus olhos avaliavam cada palavra de Zé Pilintra. "Ilhéus é uma cidade de segredos. E você, estranho, não parece ser daqui. De onde vem?"

"Eu venho de onde o vento sopra e o caminho me chama," respondeu ele, evasivo, mas sem perder o tom de brincadeira. "Mas, por ora, sou todo de Ilhéus."

Mariana riu com a resposta, finalmente se soltando um pouco. Ela sabia que tipos como Zé Pilintra vinham e iam, deixando uma marca onde quer que passassem. Mas algo nele despertava uma curiosidade incontrolável. Ele não era apenas um aventureiro, mas alguém que parecia carregar um propósito.

"Se vai ficar por aqui, ao menos saiba que este lugar não é só um bar," disse ela, enquanto servia um copo de cachaça artesanal para ele. "Aqui, a gente escuta os problemas, ajuda com o que pode e, às vezes, manda um ou outro recado para o pessoal do terreiro. Muita gente passa por aqui procurando mais que bebida. Procuram conselhos, conforto... e, às vezes, um pouquinho de fé."

Zé observava Mariana com respeito. Sentia que ela era mais do que uma simples dona de bar – ela era uma espécie de guardiã daquele espaço, alguém que compreendia as dores e as histórias das pessoas que cruzavam sua vida. Ele pegou o copo de cachaça e